

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

A PANELA DE BARRO NA CULTURA E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR RIKBAK TSA A PANELA DE BARRO NA CULTURA E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR RIKBAK TSA

The clay pot in the Rikbaktsa culture and school
pedagogical practice

La olla de barro en la cultura rikbaktsa y la
práctica pedagógica escolar

Marivânia Wahaba

Licenciada em Pedagogia Intercultural pela UNEMAT, Professora da Escola Estadual Indígena Myhyinymkyta Skiripi, na Aldeia Primavera, Município de Brasnorte-MT.

E-mail: marivania.wabaha@edu.mt.gov.br

Maria Helena Rodrigues

Doutora em Educação pela UFRGS, Professora do Programa em Educação Intercultural Indígena da UNEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1470-9366>

E-mail: ninhapaes@unemat.br

Neodir Paulo Travesini

Doutor em Educação pela UFRGS, Professor do Programa em Educação Intercultural Indígena da UNEMAT.

E-mail: neodir@unemat.br

Como citar este artigo:

WAHABA, Marivânia; PAES, Maria Helena Rodrigues; TRAVESINI, Neodir Paulo. A panela de barro na cultura e na prática pedagógica escolar Rikbaktsa. In: **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Mai./Agos., Vol. I, n. 12, pgs. 236-251, 2023. ISSN 2525-670X.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 12 (2023)
ISSN 2525-670X

A PANELA DE BARRO NA CULTURA E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR RIKBAKTSA A PANELA DE BARRO NA CULTURA E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR RIKBAKTSA

The clay pot in the Rikbaktsa culture and school pedagogical practice

La olla de barro en la cultura Rikbaktsa y la práctica pedagógica escolar

Resumo

Característica de trabalho feminino, a panela de barro tradicional do nosso Povo Rikbaktsa, ainda se mantém presente praticamente em todas as casas das comunidades. Este trabalho tem o objetivo de registrar o processo de fabricação deste artefato cultural. A metodologia empregada foi a coleta de entrevistas com anciãs e acompanhamento de todo o processo de fabricação pelas especialistas nesta arte. Foi um trabalho na perspectiva etnográfica, tendo a pesquisa qualitativa e de campo como seu melhor procedimento adotado, sendo as entrevistas abertas e o registro fotográfico como técnicas de coleta de dados. Ao final, tivemos a produção do registro de todo o processo de produção da panela de barro, cujo material ficará disponível para as escolas em nossas aldeias para fundamentarem trabalhos que envolvam os Saberes Indígenas.

Palavras-chave: Cultura Ancestral Rikbaktsa. Panela de Barro. Saberes Indígenas.

Abstract

Characteristic of women's work, the traditional clay pot of our Rikbaktsa People is still present in virtually all homes in the communities. This work aims to record the manufacturing process of this cultural artifact. The methodology used was the collection of interviews with elderly women and monitoring of the entire manufacturing process by specialists in this art. It was work from an ethnographic perspective, with qualitative and field research as the best procedure adopted, with open interviews and photographic records as data collection techniques. In the end, we produced a record of the entire production process of the clay pot, whose material will be available to schools in our villages to support work involving Indigenous Knowledge.

Keywords: Ikbaktsa Ancestral Culture. Clay pot. Indigenous Knowledge.

Resumen

Característica del trabajo de las mujeres, la tradicional olla de barro de nuestro Pueblo Rikbaktsa sigue presente en prácticamente todas las casas de las comunidades. Este trabajo tiene como objetivo registrar el proceso de fabricación de este artefacto cultural. La metodología utilizada fue la recopilación de entrevistas a mujeres adultas mayores y el seguimiento de todo el proceso de fabricación por parte de especialistas en este arte. Se trabajó desde una perspectiva etnográfica, con investigación cualitativa y de campo como mejor procedimiento adoptado, con entrevistas abiertas y registros fotográficos como técnicas de recolección de datos. Al final, elaboramos un registro de todo el proceso de producción de vasijas de barro, cuyo material estará a disposición de las escuelas de nuestros pueblos para apoyar el trabajo de Saber Indígena.

Palabras clave: Rikbaktsa Cultura Ancestral. Olla de barro. Conocimiento Indígena.

Marivânia Wahaba, Maria Helena Rodrigues e Neodir Paulo Travesini



Introdução

Nosso povo Rikbaktsa, também conhecido como “canoeiros” ou “orelhas de pau” é falante de língua materna, a qual pertence ao tronco linguístico Macro-jê. Ainda mantemos as nossas tradições culturais bem fortalecidas, embora somente menos da metade da população, na atualidade, seja falante da língua materna, já que, a maioria, principalmente, os mais jovens, preferem o uso da língua portuguesa. Em parceria com a escola, os membros das comunidades estão trabalhando duro no fortalecimento da língua materna para que ela não seja esquecida e, ao contrário, que a língua seja fortalecida na rotina de vida do povo Rikbaktsa. Atualmente vivem em 38 aldeias, localizadas na região noroeste do Estado de Mato Grosso, em três Terras Indígena-TI: TI Erikbaktsa, no Município de Brasnorte, TI Japuira no Município de Juara-MT e a TI Escondido, no município de Cotriguaçu, com população de mais de mil e setecentas pessoas.

Desde pequena, moro na Aldeia Primavera, na Terra Indígena Erikbaktsa, no município de Brasnorte-MT e, com o tempo, fui gostando das questões de educação escolar e acabei me tornando professora. Atualmente estou lecionando na sala anexa da Escola Estadual Myhyinymykyta Skiripi, na aldeia Curva.

Esta pesquisa trata das tecnologias tradicionais do povo Rikbaktsa, a confecção da panela de barro, um utensílio que muitas pessoas da comunidade ainda utilizam para cozinhar, guardar água, alimentos e objetos. A escolha do tema foi porque este produto e seus usos estão cada vez mais sendo esquecidos pelo povo. Com o passar do tempo, as pessoas vão deixando de usar este tipo de panela, porque é uma panela feita à mão, a partir do barro do barranco do rio, então, parece que ficou mais fácil utilizar as panelas industrializadas e adquiridas no comércio das cidades.

O objetivo geral deste trabalho é o de levantar e registrar todo o processo envolvido na fabricação da panela de cerâmica dos Rikbaktsa, bem como registrar as regras relacionadas a estes processos. Para alcançar este objetivo geral, procurei identificar as pessoas que sabem fazer a panela de cerâmica, registrei e descrevi passo a passo o processo de fabricação e, a partir daí, pude entender quais são as regras para fazer as panelas de barro tradicionais do meu povo.

Os Rikbaktsa: do passado ao presente. Breves anotações

Como já citado acima, somos conhecidos como “canoeiros” e, também, como “orelhas de pau”, cujas denominações se devem aos primeiros contatos com os seringueiros, que consideravam este povo como ótimos condutores das canoas pelos rios, e pelo fato de os homens usarem um botoque¹ no lóbulo da orelha. Mas, a autodenominação é mesmo Rikbaktsa, que significa “os seres humanos”.

Idinei Zotsitsa (2016) também informa que os Rikbaktsa são conhecidos, por muitos, como “o povo dos clãs”, que é uma forma de organização das famílias para cumprirem determinados objetivos tradicionais da cultura, como em festas e casamentos para formação das famílias.

Os clãs são denominados de Arara amarela e Arara cabeçuda. Cada metade é dividida em seis clãs. A metade Makwaraktsa (Arara Amarela) é considerada o clã que origina os clãs: Tsikbaktsa (Arara Vermelhinha), Bitsitsiukttsa (Berici), Mybyiknytsa (Macaco Guatá), Dururukttsa (Onça Preta), Wohiyktsa (Arara Amarela/Gavião). Já a metade Hozobiktsa (Arara Cabeçuda) é também considerada o clã que origina os clãs: mahaktsa (Figueira), Tsuârâktsa (Macuco), Tsawaratsa (Coquinho), Boroktsa (Árvore Leiteira), Zeohopyrytsa (Jenipapo). (ZOTSITSA, 2016, p. 14).

Falantes de língua materna do tronco linguístico Macro-Jê, e, embora o contato intenso com a sociedade envolvente, trazendo a língua portuguesa para a rotina das aldeias, a língua materna é ainda usada por nós Rikbaktsa, principalmente pelos mais velhos. Podemos dizer que aproximadamente cinquenta por cento da população ainda fala a língua materna frequentemente e os demais não falam, mas entendem quando outros falam na língua.

A história de contato com os não Rikbaktsa não foi diferente de outras etnias, pois a violência foi a marca da realidade com a chegada dos seringueiros e, mais tarde, com os colonizadores com o projeto de expansão agrícola do governo brasileiro.

Há vários relatos sobre a violência e redução da nossa população Rikbaktsa por conta dos conflitos com os não índios. Martins (2018) cita um documento escrito pelo padre Dornstauder dando informações de que os Rikbaktsa, naquela época,

¹ Adereço de madeira, como um brinco, colocado num furo feito no lóbulo inferior da orelha; esse furo vai sendo alargado quanto maior vai sendo feito e colocado o botoque de tamanho maior.

ocupavam uma área muito grande, entre cinco a doze milhões de hectares. Com a chegada dos não indígenas, o povo foi sendo exterminado e seu território ocupado.

Os conflitos se acentuavam quanto mais os extrativistas ocupavam as terras. O governo brasileiro também teve sua parcela de culpa nas ocupações das terras indígenas, pois, nos anos sessenta, tinha um projeto de ampliação de terras para agricultura no interior do estado de Mato Grosso. Com incentivo governamental, várias empresas se instalavam na região em função dos benefícios concedidos para abertura das terras. Foram sendo construídas estradas, pontes e formando pequenos centros populacionais. (OLIVEIRA, 2015)

Nosso povo não assistiu a tudo isso sem lutar para defesa de seu território e do povo, assim, aconteceu muita morte e o povo foi ficando cada vez mais acuado e longe do seu território ancestral. Naquela época, algumas crianças Rikbaktsa perderam os pais e foram levadas para o internato de Utiariti², onde foram obrigadas a conviver com crianças de várias outras etnias e seguir a cultura e as normas dos não índios. Vivendo naquele lugar, eram proibidos de falar a língua materna e manifestar qualquer coisa da sua tradição cultural.

Atualmente vivemos em áreas indígenas demarcadas e homologadas ao longo do Rio Juruena, afluente do rio Tapajós, ao Noroeste do Estado de Mato Grosso: Terra Indígena Erikpatsa, no município de Brasnorte-MT; Terra Indígena Japuira, no Município de Juara-MT; Terra Indígena Escondido, que fica no Município de Cotriguaçu- MT. Entre os Rios do Sangue e Juruena se localiza a Terra Indígena Erikaktsa, já a Terra indígena Japuira se localiza entre os Rios Arinos e Juruena e, a Terra Indígena Escondidinho, se encontra à margem esquerda do Rio Juruena.

Atualmente, como já sinalizado acima, distribuídos entre 38 aldeias, a população Rikbaktsa é de cerca de 1.770 pessoas, segundo levantamento de dados preliminares do senso da SESAI (2022). Nosso povo Rikbaktsa mantém uma política de preservação do meio ambiente, não praticando a venda de madeira e desmatamento desnecessário. Nesse sentido, também preserva muito das suas tradições ancestrais, como festas tradicionais, cantos, danças, rituais sagrados,

² Internato de Utiariti foi criado pela Missão Jesuíta no ano de 1945, para onde eram levadas crianças de diversas etnias de Mato Grosso para “civilização indígena”. (OLIVEIRA, 2015).

furação de dente de onça, furação de pena de gavião real, pinturas corporais, narração de histórias tradicionais pelos anciãos, alimentação tradicional, etc.

Hoje os jovens não moram mais na casa dos rapazes³, porque a partir do contato com os não indígenas as organizações sociais foram mudando ao longo do tempo. Agora, a grande maioria dos jovens só fala a língua portuguesa, mas, há certa preocupação para com o fortalecimento da língua materna e os costumes tradicionais. Então, eles convivem com seus pais na casa, dali sai os ensinamentos sobre a educação tradicional do povo, passando de pais para filhos.

A mãe, (ainda com ajuda de uma ou mais anciãs) é responsável para ensinar as filhas a fazer colares e artefatos de penas, a tecer o algodão; também são educados a respeitar os mais velhos da aldeia, a partilhar tudo com os outros; as anciãs e a mãe ensinam o comportamento adequado para uma menina na comunidade Rikbaktsa, preparando ela para uma vida adulta para quando ela casar saber fazer as atividades da casa e como cuidar de uma família.

A Terra Indígena Erikpaktsa, no município de Brasnorte, fica à margem direita do rio Juruena, e é nesse rio que está prevista a construção de mais de trinta PCHs⁴, situação que vem tirando o sossego do nosso povo. Se realmente construírem essas pequenas usinas, vamos perder quase todo o nosso território pois a maior parte vai ser alagada pelos reservatórios de águas. É desse rio, e das matas de seu entorno, que tiramos nossos sustentos como a caça, a pesca e também de onde tiramos as matérias primas para fazer artesanatos, como por exemplo a argila para fazer a panela de barro, tema central deste trabalho. Nessa região é que tem a argila, mas se for construída as hidrelétricas, os locais onde se coleta a argila vão ser extintos devido a inundação. Mesmo que atualmente a panela de barro seja usada por poucos na comunidade, ela faz parte da nossa cultura material tradicional.

Outro importante artesanato que corre risco de desaparecer, com a construção das PCHs, é o colar de casamento, o *Tutãra* (colar de casamento), pois ele é feito de conchas de moluscos encontrados às margens do rio Juruena. Essas conchas também são usadas para fazer o enfeite, que são riscos desenhados nas panelas de

³ Conforme a tradição da cultura, os jovens ficavam reclusos em uma casa para receberem os ensinamentos dos anciãos, funcionando como se fosse uma escola.

⁴ Pequenas centrais hidrelétricas, represando rios para geração de energia elétrica

barro. Ou seja, as mulheres usam as conchas para, com ela, fazer os riscos dos desenhos na argila ainda mole que configurará a panela de barro.

Não é demais reforçar que ainda procuramos preservar as nossas práticas culturais, mesmo com tantos artefatos ocidentais que seduzem nossos jovens e até a nós mesmos, professores indígenas; afinal, foram tantas estratégias colonizadoras que faziam com que nos interessássemos mais pelas coisas “dos brancos” do que as tradições da nossa própria cultura. Continuamos e procuramos fortalecer a prática de fazer artesanatos, realizar as festas e danças sagradas, assim como os rituais que marcam a identidade dos Rikbaktsa. Procuramos, em tempos atuais, fortalecer a prática das nossas roças tradicionais, de onde saem os alimentos que já eram usados pelos nossos ancestrais.

Nas roças tradicionais são plantados muitos alimentos tradicionais, como por exemplo, o cará liso, o cará cabeludo, a mandioca, batata doce, amendoim, inhame, banana e diferentes tipos de milho. Esses alimentos servem, também, para os rituais da furação do dente da onça, quando é preparado uma pequena quantidade de chicha, feita com a batata doce, ou da banana ou do cará. Nesse ritual, somente homens podem participar; não é permitida a participação de crianças e nem de mulheres, por isso ele é feito em torno de meia noite a duas horas da manhã.

Para o ritual da furação da pena de gavião, é feito uma quantidade maior de chicha, pois todas as famílias da aldeia ganham uma quantidade para consumirem. Somente homens podem furar as penas do gavião, as mulheres só preparam a alimentação.

A nossa tradição é ainda mantida, de certo modo, quando se fala em educação do povo. Embora com as mudanças trazidas pelas relações com os não indígenas ainda se mantêm muitas práticas de orientação e ensinamentos da cultura. Em geral, os mais velhos e anciãos são quem ensinam as crianças. As mulheres ensinam as tarefas e obrigações de meninas. As meninas também aprendem o que pode e o que não é permitido a elas fazerem na cultura tradicional. Os homens ensinam os meninos sobre suas responsabilidades e os rituais que só os homens podem participar. Acima de tudo, todos aprendem sobre respeito ao outro.

Percurso metodológico

É possível dizer que Metodologia é a forma, o jeito e os caminhos a se percorrer quando vamos fazer uma pesquisa. Para ser considerado um trabalho confiável e acadêmico, é necessário se seguir os passos rigorosos da metodologia científica. “Em geral, o método científico compreende basicamente um conjunto de dados iniciais e um sistema de operações ordenadas adequado para a formulação de conclusões, de acordo com certos objetivos predeterminados.”. (GERHARDT e SOUZA, 2009, p. 11)

Quando se trata de pesquisa em, e com comunidades indígenas, em geral, o método adotado é a Etnografia, que pode ser conceituada como De André (1995) o faz, assinalando-a como uma forma de descrever uma determinada cultura, mas, além disso, envolve compreender e considerar, nos estudos, todos os significados, dinâmicas e valores do grupo estudado. No caso da pesquisa aqui apresentada, ela pode ser considerada uma pesquisa etnográfica, já que a pesquisadora, além de ser da própria comunidade e estar inserida na rotina da mesma, ela participou ativamente das atividades propostas pela investigação.

Considerada uma pesquisa de abordagem qualitativa, este estudo se preocupou em levantar dados e, sem preocupações de quantificá-los, os considerou nas relações mais amplas com a rotina, valores e significados da comunidade em estudo. Deste modo, é possível dizer que, “Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2006, p. 32).

Em se tratando de coleta de dados, os instrumentos mais comumente utilizados em pesquisas qualitativas são as entrevistas e as observações. No caso desta pesquisa, realizei entrevista com duas anciãs da Aldeia Primavera, da etnia Rikbaktsa. As entrevistas foram de natureza aberta, de modo que foi feita uma pergunta inicial: “Como se produz uma panela de barro tradicional do nosso povo Rikbaktsa?”. A partir da resposta a esta pergunta, a entrevistadora foi fazendo outras questões de modo a complementar todo o entendimento do processo de produção da panela de barro. A entrevista foi gravada com auxílio de um telefone celular e, após, foi feita a transcrição para o computador com uso do programa Word.

A observação também se efetivou como técnica de coleta de dados, de forma que a pesquisadora acompanhou as entrevistadas em todo o processo de produção da panela de barro. O caderno de campo foi um recurso muito importante para o registro de todo o processo.

Todo o processo de coleta de dados foi registrado em caderno de campo, em fotografias pelo celular, assim, este trabalho ainda servirá como aporte pedagógico para os trabalhos com os saberes culturais na rotina da Escola.

Sobre a panela de barro

A tutãra e o rio Arinos encontram-se também a serviço da produção de panelas de barro. A concha, como barreiros que lá estão, são a base material para a produção de panelas de barro pelas mulheres Rikbaktsa, as rikbakykyryk ou kykyryk. Apenas as mulheres (kykyryk) fazem as panelas de barro. Mais que utilitários, as panelas de barro das kykyryk estão associadas a um conjunto de conhecimentos transmitido geracionalmente entre as mulheres. Elas utilizam também a tutãra, a mesma concha utilizada no “colar de casamento”, como alisador do barro. A tutãra é, desta maneira, inseparável deste processo coletivo de produção. Não é possível fazer panela, transmitir saberes que transitam entre diferentes gerações de mulheres, de diversas parentelas, sem utilizar a tutãra. Essa matéria Prima ela é encontrada em beira de córregos ela é uma espécie de argila, hoje ela está cada vez mais difícil por motivo de muitas dessas argilas ficarem fora do nosso território, essa matéria onde ela existe ela não fica para sempre ela desaparece com o passar do tempo e muda de lugar. (OPAN, relatório técnico)

Como podemos acompanhar pela epígrafe, a panela de barro (figura 1) tem um significado profundo para os Rikbaktsa, não sendo simplesmente um utensílio para uso no dia a dia. Mas, a sua feitura, todo processo de produção, é sempre em dependência do coletivo de mulheres. Envolve, acima de tudo, o conhecimento ancestral que vem sendo passado de mães para filhas. Me arrisco a dizer que, tal processo tradicional, é, em síntese, emocional.

Neste processo, além das relações entre as pessoas, é um momento de conversas e trocas de informações. Mais que isso, é um momento intenso de aprendizagens, um momento pedagógico da cultura, pois, ao trabalhar cada etapa de produção da panela de barro, as mulheres vão ensinando e explicando o processo para as meninas que acompanham atentamente esta atividade da cultura ancestral Rikbaktsa.

Fig. 01: Panela de barro



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A base para compor uma panela de barro é, como o próprio nome anuncia: o barro. Mas, não é um simples barro retirado de qualquer lugar ou feito quando se joga um copo de água na frente da casa e mistura-se com uma porção de terra: é um barro especial! Como já citei acima, neste trabalho, é nos barrancos do Rio Juruena que se encontra a argila para fazer este tipo de panela. Desde nossos ancestrais, as mulheres Rikbaktsa se dirigem ao barranco do Rio Juruena para coletar argila quando precisam fazer uma panela para seu uso.

São vários procedimentos que devem ser seguidos para que a panela seja de boa qualidade. Assim, o material deve ser retirado no período da seca, quando o nível da água está mais baixo. A temporada de seca é a época que as mulheres procuram o lugar nas margens do rio para selecionar a melhor matéria, a melhor porção de barro/argila, lembrando que nem todo o barro retirado do solo está bom para fazer a panela. As mulheres selecionam as cerâmicas/argila sem areia, porque elas sabem que é um barro de boa qualidade para ser trabalhado na fabricação de panela de barro. Se a porção do barro contiver areia, vai ficar ruim o material, ficando uma panela

áspera e sem qualidade. Tudo isso as mulheres vão ensinando e mostrando para as meninas que as acompanham no processo.

A panela, como os demais artesanatos, são os nossos patrimônios. A panela é usada dentro da comunidade para preparar, servir, guardar e até para armazenar alimentos, águas e objetos; hoje não está sendo muito usada como era antigamente, pois, também, não se encontra o barro ideal como nos tempos antigos.

A panela de barro ainda é muito utilizada pelo povo Rikbaktsa, e é muito comum encontrarmos, nas casas, pelo menos uma delas, mesmo com todos os utensílios da cultura ocidental, ainda se usa a panela de barro tradicional em algum momento da rotina nas casas.

São vários os usos desta panela de barro. Na atualidade, o povo ainda utiliza para tomar a chicha, guardar comida e guardar objetos e também utiliza para colocar tecedor de algodão conforme a imagem abaixo. Do mesmo modo, são diversos os tamanhos das panelas, assim, para cada tipo de uso é o tamanho que irá ser confeccionada. Então, andando pela aldeia e visitando as casas, é possível encontrar panelas de diferentes tamanhos, não tendo uma medida única para e um único molde. O molde é sempre único seguindo as próprias mãos e movimentos da artesã. A artesã tem na sua cabeça para que utilidade ela vai fazer a panela, aí, então, ela prepara o barro e vai produzindo o tipo de panela que ela precisa.

Um dos tipos de panela está apresentada na Figura 2, a qual é de tamanho pequena e é utilizada no momento em que a mulher está tecendo o algodão, assim, a “panelinha” serve para colocar o tecedor de algodão deixando o tecedor girar com mais facilidade. Quando a mulher vai tecer o fio de algodão, ela utiliza uma pequena panela de barro para poder assentar e amparar a base da madeira que vai servir para enrolar o fio de algodão. A panelinha, além de amparar a madeira, ela também proporciona agilidade para manuseio da madeira ao enrolar o fio do algodão que está sendo tecido sem que a madeirinha fique escorregando, escapando do centro de rotação.

Fig. 02: Marlene Pikdao Rikbaktatsa, tecendo algodão na Aldeia Areia Branca



Fonte: Ivanildo Bibiu

Segundo as conhecedoras entrevistadas, senhora Marlene Pikdao Rikbaktsa e senhora Cristina Rikbaktatsa, para fazer a panela de barro primeiro as mulheres precisam procurar o local que tem a argila própria para a produção da panela, que é na beira do rio. Ao localizar o lugar e avistar a argila, primeiro a mulher tem que limpar o lugar bem limpinho e tirar toda a areia, deixando o barro puro, sem misturas e sujeiras; a mulher vai cavando, com as mãos, para retirar somente a argila sem misturar com nada. Depois coloca-se a argila num cesto (*xiri*) para levar para casa e deixa a argila descansar, só no outro dia que vai começar a modelar a massa de argila para a produção da panela.

No dia seguinte, então, pega-se a e vai fazendo uma modelagem. Primeiro a mulher vai enrolando a argila como se fosse uma corda de barro, bem comprida; depois, enrolando a corda de barro e vai amassando e modelando ela e fazendo a forma da panela, de vagar, com paciência, vai amassando e modelando a panela. Quando ela estiver em formato da panela, a mulher precisa alisar a argila; vai alisando-a devagar com uma concha (*tutãra*) até ela ficar bem lisinha. Em seguida, depois que a panela estiver formada, tem que colocar ela de “bunda” para baixo, em cima de uma tábua ou pedra para endurecer e secar bem. Primeiro tem que deixá-la endurecer a parte de baixo e, só depois que estiver duro vai se virando ela de “boca” pra baixo para endurecer a parte de cima. Esse processo demora uns três dias.

Depois que estiver tudo duro, vai se acender o fogo com a lenha de dois tipos de tronco de árvores que são bons para fazer fogo: a *pindaiva* e a *tarabitawa*. Para queimar a panela tem que ter muita brasa para colocar ela encima para poder “queimar” a argila, isso leva quase mesmo processo da secagem: começa a queimar primeiro a parte de baixo e só depois a parte de cima. Depois dela queimada, tira-se do fogo e vai deixar esfriar. Quando estiver fria, leva-se para colocar água dentro para ver se ficou boa; se não estourar e rachar é porque a panela é boa. Quando não é boa a panela estoura ou se estiver alguma mistura de barro ou areia ela também não fica boa.

São vários os tamanhos de panela e vai desde o tamanho em pequeno ao tamanho bem grandão, este último é o tipo de panela que se usa para fazer o mingau das festas. Também tem uma panelinha de barro bem pequena que é utilizada para levar brasa, usada bastante na época quando não existia isqueiro e nem fósforo.

Somente as mulheres fazem as panelas e as crianças do sexo feminino podem acompanhar o processo. As mulheres grávidas não podem fazer a panela de barro porque, caso contrário, a panela estoura e a grávida pode ter complicações na hora do parto e também pode fazer mal ao bebê: o cordão umbilical da criança pode nascer com defeito. A panela de barro é uma cultura material do meu povo Rikbaktsa.

Fig.03: Marlene Pikdao Rikbaktatsa (Aldeia Areia Branca) e Dona Cristina Rikbaktatsa, Aldeia escolinha, T. I. Erikbaktsa



Fonte: Vanildo Bibiu e Darilene Warote

Acompanhamos, na imagem acima, duas senhoras apresentando suas panelas de barro, as quais servem para guardar alimento e também para cozinhar.

Como descrito acima, estes são os procedimentos e a forma tradicional de se produzir uma panela de barro ancestralmente utilizada pelo povo Rikbaktsa, sendo uma atividade característica das mulheres, as quais vão passando seus conhecimentos para as meninas mais jovens.

Considerações finais

Como assinalado no corpo deste trabalho, a Terra Indígena Erikbaktsa, no município de Brasnorte, fica à margem direita do rio Juruena, em cujo rio há previsão da construção de mais de trinta PCHs, situação que muito preocupa nosso povo. De acordo como deixei bem marcado, estas represas a serem construídas farão com que não existam algumas das condições fundamentais para realização de algumas de

nossas tradições ancestrais, no caso, a confecção da panela de barro tradicional dos Rikbaktsa.

Assim, o registro dos procedimentos de como se faz a panela de barro é muito importante, pois não sabemos, ao certo, quais as condições que os futuros Rikbaktsa estarão vivendo no futuro. Esse registro serve aos jovens pensarem nas tradições e, quem sabe, para mantê-las.

A minha pesquisa foi muito importante, pois aprendi, vivenciando, muitas coisas que eu não sabia e isso foi muito significativo para mim como acadêmica indígena da Faculdade Intercultural Indígena - FAIND. Foi uma experiência muito gratificante para mim que vou levar para a minha vida toda. Foi um grande desafio para mim na construção desse trabalho, que vai servir de registro para todos os que forem fazer a pesquisa em relação ao tema deste trabalho, que, certamente, também contribuirá até mesmo para o conhecimento das futuras gerações Rikbaktsa.

Essa pesquisa servirá para desenvolver diversos trabalhos em salas de aulas juntamente com os alunos e comunidades, para fortalecer essa prática pedagógica, com apoio das equipes administrativas pedagógicas, também, e apoio da própria comunidade.

Esse trabalho, que realizei juntamente com as anciãs, sobre panela de cerâmica tradicional na cultura Rikbaktsa, servirá como material de apoio à prática pedagógica, não só para a Escola da minha aldeia, mas, para todas as escolas do Território Rikbaktsa. Foi um desafio que eu consegui construir com base nas informações pesquisadas juntamente com as anciãs, sábias nessa produção ancestral do nosso povo.

Referências

DE ANDRÉ, Marli Eliza De A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

GERHARDT, Engel. T. e SOUZA, Aline Correia de. Aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Engel. T. e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

A panela de barro na cultura e na prática pedagógica escolar Rikbaktsa

MARTINS, Anderson. Interpretação dos significados atribuídos à instituição escolar pelo povo Rikbaktsa. Dissertação de Mestrado. Cuiabá: PPGEDU-UFMT, 2018. Disponível em https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2654/1/DISS_2018_Anderson%20Martins.pdf. Acesso em março de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Teoria, métodos e criatividade**, 2016.
OLIVEIRA, Mileide Terres de. Rikbaktsa e português: atitudes linguísticas. Cárces: Unemat, 2015

OPAN. Saber, fazer, existir o povo Rikbaktsa o Tutãra (colar de casamento) e o rio Tutãra itsik (“água de concha” ou rio Arinos) Resumo executivo. Disponível: [resumoexecutivo_tutacc83ra_final_rev_aa.pdf \(wordpress.com\)](#)

BRASIL. SESAI-Secretaria de Saúde Indígena. Brasília: 2022. DISPONÍVEL EM <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai>; Acesso em maio de 2022.

SILVEIRA, D.T e CÓRDOVA, F.P. A pesquisa científica, In: GERHARDT, Engel. T. e SILVEIRA, Denise Tolfo. Método de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ZOTSITSA, Idinei. *Myhãã* - capacete tradicional do Povo Rikbaktsa. Barra do Bugres: Unemat, 2016

Consultoras Nativas Indígenas

Marlene Pikdao Rikbaktatsa. **Como confeccionar a panela de Barro do Povo Rikbaktsa**. Aldeia Areia Branca, 2022.

Cristina Rikbaktatsa. **Como confeccionar a panela de Barro do Povo Rikbaktsa**. Aldeia Escolinha, T. I. Erikbaktsa.2022.

Recebido: 15/02/2023

Aprovado: 30/03/2023

Publicado: 01/05/2023